

Escritos pessoais: expressão de uma vida em ego-documentos de uma professora brasileira (1967-1969)

Personal Writings: Expression of a Life in Ego-Documents of a Brazilian Teacher (1967-1969)

Maria Teresa Santos Cunha

e-mail: mariatsc@gmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina. Brasil

Resumo: Este artigo pretende analisar vestígios de experiências vivenciadas por uma mulher professora em seu processo de formação a partir de manuscritos pessoais localizados em ego-documentos (diários pessoais e cadernetas de anotação de leituras) que demarcavam sua vida e sua formação para o magistério. Essas fontes estão preservadas em um arquivo pessoal onde se procura estudar maneiras de expressão bem como os suportes materiais em que tais escritos se produzem, problematizando-os como lugar de sentimentos, emoções e afetos. O trabalho com este material autobiográfico tornou possível buscar evidências de como uma jovem viu e representou sua vida cotidiana e descreveu aspectos de sua formação escolar nos finais dos anos 1960, no sul do Brasil e, mais amplamente, examinar as práticas de escrita como práticas de memória feminina na chave dos estudos sobre o gênero feminino fornecedor de modelos geracionais que, entre permanências e rupturas, atestam padrões sociais e culturais da época. O estudo se ancora na perspectiva da História da Educação mediadas pela experiência investigativa da História do Tempo Presente que contempla, em diferentes temporalidades, as dimensões e possibilidades dos ego-documentos que permitem reconfigurações de passados onde é possível encontrar na singularidade de um escrito íntimo, um discurso, uma memória, uma história a contar.

Palavras-Chave: Arquivos pessoais; Ego-Documents; Diários femininos; Memória; História da Educação.

Abstract: This article aims to analyze traces of experiences lived by a woman teacher in her training process from personal manuscripts located in ego-documents (personal diaries and sketchbooks that demarcated her life and her formation for teaching. These sources are preserved in a personal archive where it is sought to study ways of expression as well as the material supports in which such writings are produced, problematizing them as a place of feelings, emotions and

affections. Working with this autobiographical material made it possible to seek evidence of how a young woman saw and represented her daily life and described aspects of his school education and in the late 1960s, in southern Brazil and, more broadly, to examine writing practices as practices of female memory in the keynote of gender studies and purveyor of generational models that, between permanences and ruptures, attest to social and cultural patterns of the time. The study is anchored in the perspective of the History of Education mediated by the investigative experience of the History of the Present Time that contemplates, in different temporalities, the dimensions and possibilities of ego-documents that allow reconfigurations of pasts where it is possible to find in the singularity of an intimate writing, a discourse, a memory, a story to tell.

Keywords: Personal archives; Ego-Documents; Women's diaries; Memory; History of Education.

Recibido / Received: 14/07/2023

Aceptado / Accepted: 22/01/2024

1. Introdução

Diários (...) local em que registramos reflexões pessoais, observações do nosso mundo, divagações distraídas e planejamentos. (Cox, 2017, p. 74).

1.1. *Diários Femininos e Arquivos pessoais*

Os diários, em geral, e os femininos, em especial, são considerados como os mais pessoais dos documentos e se constituem como escritas sensíveis, geralmente apresentados de forma manuscrita. São eles que inspiram estes estudos por serem, primordialmente, práticas da memória feminina que tendem para a intimidade, habitam o silêncio dos arquivos e são os chamados «mil nada» (Perrot, 1989). Eles apresentam uma tipologia documental bem típica com datas cronologicamente marcadas, espaços de escrita determinados, formas caligráficas às vezes rebuscadas, linguagem pessoal, formas de interpretação de fatos corriqueiros que contribuem para sedimentar uma memória da vida privada escritos em primeira pessoa. Neste recorte pode-se considerar que são uma produção feminina por excelência que respondem ao imperativo de memórias deixadas como uma maneira de expressão e inscrição no tempo que evidenciam uma forma de «relatar a si mesma». (Butler, 2017).

Trabalhar com escritas feitas em primeira pessoa, aqui personificadas em diários femininos e cadernetas pessoais de anotações de leituras, é reconhecê-los em dupla perspectiva, quais sejam, como redutos de sensibilidades e afetos e, igualmente, como documentos/suportes de informações que são portadores de maneiras de descrever aspectos do funcionamentos do social, condutas em curso, acontecimentos de vidas pessoais que envolvem representações daquele vivido. Tais representações emergem pelo poder da escrita feminina mas, não se restringem a uma classificação específica em que a categoria gênero emerge absoluta. Ela se torna visível quando as mulheres se colocam em textos e exploram as mais diversas facetas e experiências vivenciadas e registradas a partir de seus contextos histórico, social, político, geográfico, sexual, racial, classista, religioso,

educacional, entre outros (Butler, 2018). A historiadora Sandra Pesavento (2008) menciona a importância dos estudos de gênero e explica uma variação ao trabalhá-lo em interface com os processos de feminização argumentando que «trata-se, antes de uma escolha de personagens mulheres, agindo, ao longo das décadas, em incidentes marcantes para sua vida e de sua cidade [...] são portadoras desse feminismo perturbante» (p. 13) e na esteira de seu pensamento este artigo se desenvolverá.

Os diários femininos, neste trabalho, situam-se no campo historiográfico da História da Educação e dos arquivos pessoais (Cunha, 2019; Cunha e Almeida, 2021) em interface com a História do Tempo Presente que cria possibilidades de buscar traços descontínuos e vestígios sobre passados, vividos na educação e na vida pública e que permitem imprimir inteligibilidades, no presente, àqueles tempos. Problematicar tais documentos envolve uma tentativa de abrandar distâncias espaço-temporais e fazer emergir passados no presente, além de abrir outros horizontes para pesquisas futuras na área. Considera-se que são valorizados quando «assistimos à plena emergência do fenômeno memorial no espaço público: literatura, artes, museus, filosofia, ciências sociais, discursos políticos abriram-lhes espaço, cada vez mais» (Hartog, 2017, p.41).

Preservados, em sua maioria, em arquivos pessoais estes documentos femininos abrem-se à construção de memórias em forma de relatos e testemunhos, nos quais se torna imprescindível centrar a atenção no dito, no visto e no sensível, como se evidencia nos clássicos trabalhos de Philippe Lejeune (1993), na França. Considera-se como arquivos pessoais aqueles compostos por documentos e objetos de pessoas que apresentem «interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana, social, religiosa, econômica, cultural do tempo em que se viveu». (Bellotto, 2006, p.256).

No tempo presente, os arquivos pessoais têm novos usos em função das «ondas memoriais que agitam intensamente as sociedades contemporâneas» (Hartog, 2013, p.25) e dos meios técnicos que se aperfeiçoam e permitem que sejam acessados e consultados por via digital, se depositados em instituições custodiadoras concernentes à patrimonialização, por exemplo. Documentos pessoais como diários, cartas, cadernos de anotações de leituras, agendas adquirem outros sentidos nas famílias que buscam preservar seus documentos antigos que lhes «asseguram uma ligação com um passado aparentemente em risco de ser descartado dificultando acesso à memória pública e coletiva». (Cox, 2017, p.7). Importante destacar que os arquivos pessoais, quando doados passam pelo crivo dos familiares e permitem pensar na possibilidade de um processo de triagem/seleção, comuns nesses casos de doação já que envolvem documentos do âmbito do privado. No Brasil, a partir dos anos de 1970, intensificam-se os estudos e as políticas de salvaguarda que faz emergir uma diferente cultura de pesquisa que se consubstancia na criação do Conarq.¹, na década de 1990.

¹ O Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ é um órgão colegiado, vinculado ao Arquivo Nacional do Ministério da Justiça, que tem por finalidade definir a política nacional de arquivos públicos e privados, como órgão central de um Sistema Nacional de Arquivos, bem como exercer orientação normativa visando à gestão documental e à proteção especial aos documentos de arquivo. A Constituição Federal de 1988 e particularmente a Lei nº 8159 de 8 de novembro de 1991,

Historiadores apontam a importância dessas fontes testemunhais preservadas em arquivos pessoais e recomendam cuidados com simplificações no seu uso para evitar «a pressa de um discurso ingênuo (...) como se essa fonte pessoal refletisse um desnudamento humano» (Prochasson, 1998, p.114). Alertam para o fato de que tais arquivos e os documentos neles presentes são importantes, mas necessitam «ser problematizados e associados a outros tipos de documentação e sofrer o crivo de um rigoroso tratamento teórico-metodológico» (Gomes, 1998, p.126).

Uma coleção de diários femininos e adernetas de anotações de leituras, aqui em destaque, reafirmam um diálogo com a História da Educação por trazerem registros testemunhais de uma existência pessoal que está vinculada ao arquivamento, seja em caixas, armários, escrivaninhas quando no âmbito do privado, seja em instituições custodiadoras salvaguardados, quando no âmbito público. Registram representações memoriais através da descrição de práticas sociais vividas em circuitos pessoais e profissionais que se direcionam, em geral, ao âmbito escolar sem a ele estar reduzido. Sua produção e sua procedência os caracterizam como go-documentos.

1.2. *Os ego-documentos no palco*

Pesquisas indicam que o uso do termo ego-documento foi elaborado pelo historiador holandês Jacob Presser, em 1958 (GROBE, 2015) a partir de seu trabalho com testemunhos de sobreviventes da polícia nazista de extermínio e, posteriormente, foi debatido e aprofundado sob diversas óticas para pensar diversos suportes. O historiador espanhol James Amelang destaca que os ego-documentos se referem à «diversidad de las formas de expresión escrita de los sentimientos y experiencias personales. Desde su punto de vista, un ego-documento es un texto, de cualquier forma o tamaño, “en el que se esconde o descubre deliberada o accidentalmente un ego”» (Amelang, 2005, p. 17). De igual maneira, o historiador Antonio Castillo Gómez (2013) os considera «los textos en los que un autor o autora escribe, por sí mismo o a través de otro, sobre sus vivencias (directas o conocidas), sentimientos y pensamientos. Estes autores, fundamentam o trabalho publicado (Cunha, 2019) em livro que reuniu estudos de álbuns de recordações, diários femininos, agendas, cadernos de anotações e postais que, em geral, compõem arquivos pessoais no tempo presente.

Além de historiadores, o campo da arquivística vêm se debruçando sobre o termo e sua produção. No Brasil, destacam-se os trabalhos de Camargo e Goulart (2007), cuja temática versa sobre o arquivo pessoal do ex-Presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso e de sua mulher a professora universitária Ruth Corrêa Leite Cardoso, atualmente abrigados e preservados no Instituto Fernando Henrique Cardoso, na cidade de São Paulo. Para as autoras ego-documentos são documentos oriundos do espaço doméstico e que contêm elementos da personalidade do autor.

Os estudos de Britto e Corradi (2018), pesquisadores conceituados, que escrevem em diálogo com o campo da arquivologia, mostram os «ego-documentos como documentos que expressam a personalidade, intimidade e motivações dos

que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados

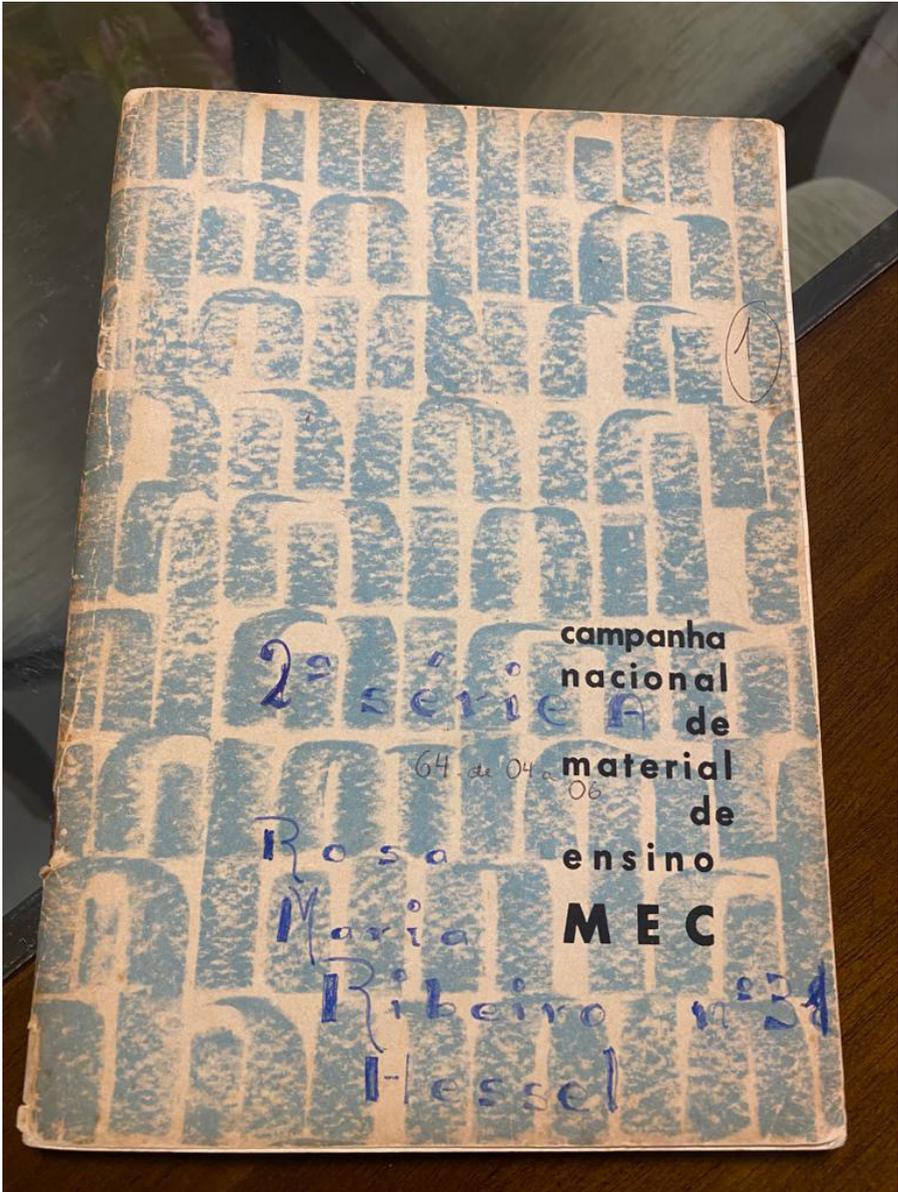
titulares de arquivos pessoais» (p. 98) e abrem possibilidades de «pesquisas acadêmicas (principalmente nas áreas sociais e humanas), além de ajudar no tratamento técnico dos arquivistas para disponibilização dessas fontes» (p.125). Com este arsenal de estudos foi possível dialogar com duas coleções pessoais de ego-documentos (três cadernos manuscritos e intitulos como diários pessoais e duas cadernetas de anotações de leituras realizadas no período). Estão preservados em um arquivo pessoal e trazem vestígios memorialistas dos processos inerentes às leituras e à vida escolar e cotidiana (sensibilidade e afetos) de uma jovem professora, no sul do Brasil, entre os anos de 1967 e 1969.

2. 2. Dos diários pessoais de MR: Traços memoriais

Nos anos de 1967 a 1969, MR,² entre 15 e 17 anos, era uma jovem urbana, branca, de classe média e aluna de um grande colégio público do então denominado Curso Normal, destinado à formação de professoras para o ensino primário. Em outubro de 1967, ela iniciou sua prática de escrita de diários dos quais dois deles foram preservados. O primeiro suporte material foi um caderno escolar produzido e vendido a baixo custo pelo Ministério da Educação e da Cultura (MEC) do Brasil, como parte da Campanha Nacional do Material Escolar. Este caderno apresentava uma capa padrão com fundo branco com detalhes geométricos em tons de azul. Media 15cm de largura e 22 de altura e tinha, em geral, 60 folhas cada um. Abrange todo o ano de 1967 (de 02 de fevereiro a 12 de dezembro). Pode-se inferir que este primeiro caderno compunha o material escolar da autora pois o suporte era idêntico aos demais cadernos utilizados em outras disciplinas.

² Os cadernos foram doados em 2007, estão em meu arquivo pessoal e serão utilizados sob pseudônimo, MR, hoje professora universitária em Florianópolis (SC), conforme acerto com a autora dos mesmos.

Figura 1 / Diário de MR (1967)



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora

O segundo suporte era em forma de um álbum recebido de presente, pela autora, com capa perolizada e enfeitada com um ramo de flores, especialmente para este fim, pois que trazia escrito «Meu Diário» medindo 18cm de largura e 23cm

de altura, enfeitado com pequenos arabescos em suas laterais. Este exemplar abrange o período de fevereiro de 1968 a novembro de 1969, com periodicidade média de 2 a 3 registros semanais e sua intenção já estava exposta na propria capa nos termos *Meu Diário*.

Figura 2 / Diário de MR (1968/1969)



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Os registros escritos nos diários de MR guardam narrativas daquele cotidiano expressas sob forma de descrições de atividades realizadas na escola, observações sobre seus lazeres, suas amizades e sua vida em família. Caracteriza-se como uma escrita do imediato, do efêmero, do fugidio. Percebe-se que a autora utiliza este espaço de forma própria, ou seja, como jovem mulher e estudante que ali manifesta desejo de escrever sobre si, sobre suas amizades, sobre aqueles momentos vividos, na escola, em família, na intimidade de seu quarto, sempre observando o calendário, que é uma marcação do tempo da escrita em diários.

Ao longo das páginas, encontram-se ações que a levaram ao ato de escrever como por exemplo «desabafar»; «relatar minha vida»; «escrever meus poemas», «exercitar minha escrita»; «falar sobre mim a meu único amigo e confidente» e muito especialmente «interesse em contar sobre meus dias, minha adolescência».

Em 1967, há um registro intitulado *Carta*³, onde a autora faz um rascunho para uma redação escolar, solicitada pela professora de Português:

Minha adolescência... cheia de sonhos e fantasias. Igual a todas as outras. tempo de luta, de fermento de beleza. Tempo de frustrações mais agudas e de êxitos mais sublimes. Tempo de botão que se faz rosa, de casulo que se faz borboleta, de menina que se faz mulher (...) adolescência é a época da adoração pessoal, mas também de muita vergonha de si. (...) – 2 de março de 1967)

O discurso acima propõe uma relação íntima, uma integração entre mulher e natureza como um privilégio da inocência e da beleza de jovens mulheres representadas como flor em botão e casulo a se transformar. As imagens expressavam uma ideia de germinação, promessa de um vir-a-ser. Pode-se considerar que o texto fazia referência à tipificação romântica em que se atribuía, tradicionalmente, como inerentes ao gênero feminino, a ideia de belo e harmonioso no momento em que a sociedade ainda naturalizava, para mulheres, tais ligações. Para o filósofo Renato Janine Ribeiro (1992), em texto intitulado «O Complexo de Cinderela», o argumento é o de que «a celebração da natureza (...) pode ser vista como elemento integrante e essencial de um processo pelo qual se constituiu a domesticidade como território feminino» (p. 118).

O caráter confessional aparece com frequência nas páginas dos diários em pequenas confidências familiares e amorosas, nas opiniões escritas sobre professores e professoras e mesmo na escolha da futura profissão, e nos relatos das amizades. Citam-se alguns exemplos:

Confesso a ti, meu diário, que N. é a tia que mais gosto. é a única que me entende. (23 de maio de 1968)

Agora, a novidade é que estou namorando, ou melhor, quase namorando com um cara bacaninha com quem dancei no (...). Ele quando dançou comigo apertou-me tanto que nem conseguia respirar direito. Dançamos tão enlevados que parecia que só nós dois existíamos no mundo. Será isto o princípio de um grande amor? (20 de agosto de 1968)

Minha formatura no Normal será este ano. Serei professora.

Uma profissão escolhida, de mulher, como dizem... exige paciência... precisarei muita paciência, Hoje choramos, ao nos despedir. (18 de novembro de 1969)

Bom ter amigas e conversar com elas. Hoje W. me surpreendeu afirmando que gosta de conversar comigo e isso me emocionou. Tenho amigas: S. M. H. E, tantas, Este caderno está cheio delas! (2 de maio de 1968).

Dia inesquecível para mim pois hoje é o dia do professor, minha escolha! (Sábado 15 de outubro de 1966)

³ Os registros autorais retirados dos diários serão, doravante, registrados em itálico.

Estes registros pessoais selecionados destacam gestos e atitudes pessoais e anunciam sensibilidades construídas, entre mulheres, nos cotidianos familiar e escolar que exprimiam ideias circulantes naquele tempo e naquele mundo e, pode-se inferir, entrelaçadas ao movimento de uma geração. Nota-se que as experiências e os testemunhos escritos no diário estão sempre mais ligadas ao ambiente escolar onde a circulação da diarista se dá com mais intensidade. As experiências relatadas se dão a ver pela amizade, presentes no dia-a-dia, nos poemas trocados e transcritos, nos votos finais durante a despedida plenos de conselhos sobre o futuro profissional que desenhavam contornos de fraternidade, união, solidariedade. Estes comentários, aparentemente banais, «enaltecem a convivialidade feminina, feita de ternura, de confidências, de gestos cotidianos partilhados e de solidariedade» (Vincent-Buffault, 1996, p.14).

Mulheres escrevem e se inventam pela escrita de si e para os outros. Neste território se manifestam e se materializam em anotações multifacetadas e representações complexas e contraditórias, com as quais elas conviviam e reinventavam seu cotidiano permitindo, ao folheá-los, rastrear suas reações e, no limite, suas emoções diante dos fatos narrados. Esta reflexão coloca em cena uma maneira diferenciada para tornar visíveis formas genericadas de construção de si, em conjunção com as sensibilidades através dessa «riqueza de vestígios deixados por quem não fizeram história na acepção clássica do termo, mas viveram simplesmente, suas vidas (...) uma historia nem sempre feliz mas, em todo o tempo, bela». (Ertzog e Parente, 2006, p.15-16).

O período que abrange neste estudo dos diários femininos (1967 e 1969) reveste-se de um caráter de excepcionalidade na vida política do Brasil. Vivia-se em um regime de exceção. O Golpe Civil Militar de 1964 deu início a um dos períodos mais turbulentos da história recente brasileira que se estendeu até os inícios da década de 1980. Quase tudo na vida nacional se definia na arbitrariedade, nas cassações de cidadania, na censura cultural, nos exílios e na busca implacável daqueles que resistiam em aceitar e seguir as normas impostas pela ditadura instalada. Foram anos emblemáticos pelo quadro de acontecimentos que suscitou tanto internacional (o movimento estudantil e operário em Paris, 1968) como nacionalmente (o golpe militar de 1964 e a edição do Ato Institucional nº 5 de 13 de dezembro de 1968) e que foi precedido de intensa agitação política estudantil no Brasil. Ainda que não ocupassem grande extensão, este período político merece discretos registros, notadamente sobre atividades escolares que foram paralisadas, greves de estudantes e breves insinuações de leituras não aconselháveis, tanto ligadas à educação sexual como críticas à política nacional vigente. A vida cotidiana parece evidenciar que independente de ditaduras, e guerras, vivia-se, tinha-se desejos e que a aventura do pensamento exige uma multiplicidade de registros. Dos mais banais, aos mais profundos, dos mais íntimos aos mais públicos, como estes excertos mostram:

H. me emprestou um livro chamado « A nossa vida sexual» , o autor é Fritz Kahn, mas pediu que eu lesse escondido, Assim estou fazendo...coloquei embaixo do colchão para ninguém achar.. trabalho de ler...cada coisa,(11 de novembro de 1968)

A professora de português não recomendou a leitura do livro de Jorge Amado chamado *O cavaleiro da esperança.*, diz que nos falta maturidade. (8 de agosto de 1969)

O Instituto está em greve. O Grêmio e os alunos unidos pretendem acabar com a média 8,5 (oito e meio), A falta de professores e as melhores condições de ensino, eis dois pontos pelas quais lutamos. Hoje perdemos a 4ª aula, houve comício e passetas em volta do estabelecimento (16 de setembro de 1968)

A greve prossegue com toda intensidade. (...) É pena que todos pensem que os estudantes só querem arruaça. (18 de setembro de 1968)

Ontem fui dançar ao som de 'Alegria, Alegria' de Caetano Veloso... Linda... Gosto da parte: O sol se reparte em crimes, espaçonaves, guerrilhas... Será?... Bendito dia 1º de janeiro de 1968. (1º de janeiro de 1968)

Considerando-se que a música do cantor e compositor Caetano Veloso, acima citada, era uma forma poética de protesto, é perceptível que MR a registra mas duvida da afirmação expressa em sua letra e arremata bendizendo o primeiro dia de ano de 1968. Traços memoriais da vida pessoal e escolar podem ser encontrados nos cadernos que abrigam os diários onde, muito especialmente, a escola emerge como lugar de convívio e «lugar de uma aprendizagem sutil dos gestos gráficos elementares que prepara, na vida futura, para as mais variadas escrituras pessoais» (Hébrad, 2000, p. 57).

Sendo moradora de um centro urbano do sul do país, este relativo silêncio sobre o momento político crucial pode ser interpretado tanto como uma certa despolitização da vida pessoal como para uma percepção de tempo como experiência interna marcada por eventos fundadores e estabelecidos a partir de vivências pessoais e que criam possibilidades de pensar que tais fatos no âmbito da vida nacional não careciam de maior relevo no cotidiano da diarista. De toda forma, os registros também permitem questionar sobre tais opiniões como uma visão partilhada pelo ambiente escolar e mesmo sócio-político no qual MR estava inserida onde o espaço de experiência se alargava para além dos contornos familiares.

Eleger como objeto de estudo estes artefatos produzidos nos finais da década de 1960 é considerá-los relevantes para a problematização de um tempo passado que ressoa, atualizado, em um repertório de hábitos e gestos que contribuíram para configurar um funcionamento de gênero feminino em contextos educativos, discursos e práticas sociais. Trabalhar com diários como ego-documentos envolve um deslocamento duplo do olhar do microcosmo das condições individuais de vida da personagem ao macrocosmo que envolve a construção histórica de cada geração. Exercício de sensibilidade para as coisas miúdas, aparentemente pequenas, os diários exibem memórias que atuam como representações daqueles tempos e cabe ao historiador também relativizar seus conteúdos e não esquecer que «o grande ensinamento que se pode tirar da prática analítica é o caráter ferido da memória cujos mecanismos tendem a recalcar traumatismos sofridos e lembranças muito dolorosas» (Dosse, 2003, p. 287).

3. Cadernetas de anotações pessoais: Memórias de leituras

Ler é uma maneira de construir sentidos à vida, é uma atividade paciente, e experiência simbólica que ativa o pensamento; e, como tal, era uma ação que exigia grande investimento da Escola Normal brasileira na década de 1960 para criar e consolidar hábitos de leitura e transformar em leitoras efetivas as futuras professoras do ensino primário. O investimento para o domínio dessa habilidade era facilitado pelo acesso aos livros da Biblioteca Pública e do próprio colégio e pelo planejamento de ensino que contemplava práticas leitoras como item de avaliação pessoal.

A tônica na educação era de uma formação enciclopédica fruto de um projeto educacional que abrigava, ainda, características iluministas, em que a educação humanista e formadora, encontrava na leitura o procedimento nobre por excelência. As disciplinas eram formadoras e não performáticas e, como tal, portadoras de uma determinada interpretação do homem e da sociedade. Movidos por esta estrutura de ensino, os conteúdos programáticos na disciplina Português, no Curso Normal, previam conhecimento de literatura de autores nacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Êrico Veríssimo e a conseqüente elaboração de resumos, fichamentos, interpretações que faziam parte do currículo escolar. Eram as chamadas leituras autorizadas que cumpriam rituais acadêmicos através das quais a escola considerava fundamental para adquirir sabedorias, dominar a língua e educar-se, pelo exemplo. Pode-se pensar, enfim, em leituras «construtivas» que ajudassem a formar os próprios juízos, extrair lições, refletir sobre os fatos da vida e preparar-se para o convívio humano.

MR, lia e copiava, à mão, em pequenas cadernetas de cor preta, frases dos livros lidos, tanto os recomendados (de literatura nacional) como outros de sua predileção e tal expediente se insinua como uma leitora que se construía, também, fora dos circuitos canônicos e dos limites impostos, muitas vezes, pela escola: são leituras menores, ditas ordinárias que são chamadas de *underground literário* Darnton (1987, p.8). Nesse sentido, este estudo dialoga com esta perspectiva pois, ao transcrever pequenos excertos de suas leituras, a jovem leitora permitiu «iluminar os assuntos sob uma luz insólita e focalizar complexidades sob ângulos diversos» (Idem, p.9).

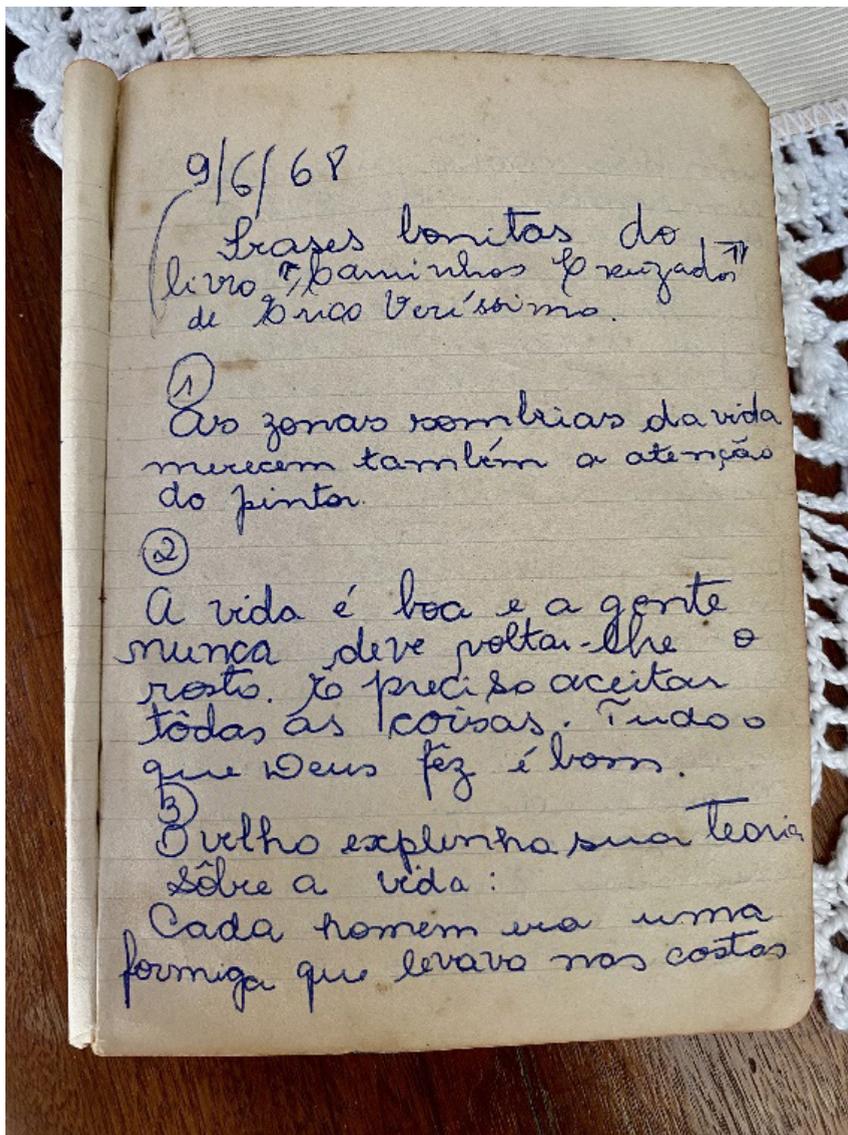
Figura 3: Cadernetas de Anotações de Leitura -1968

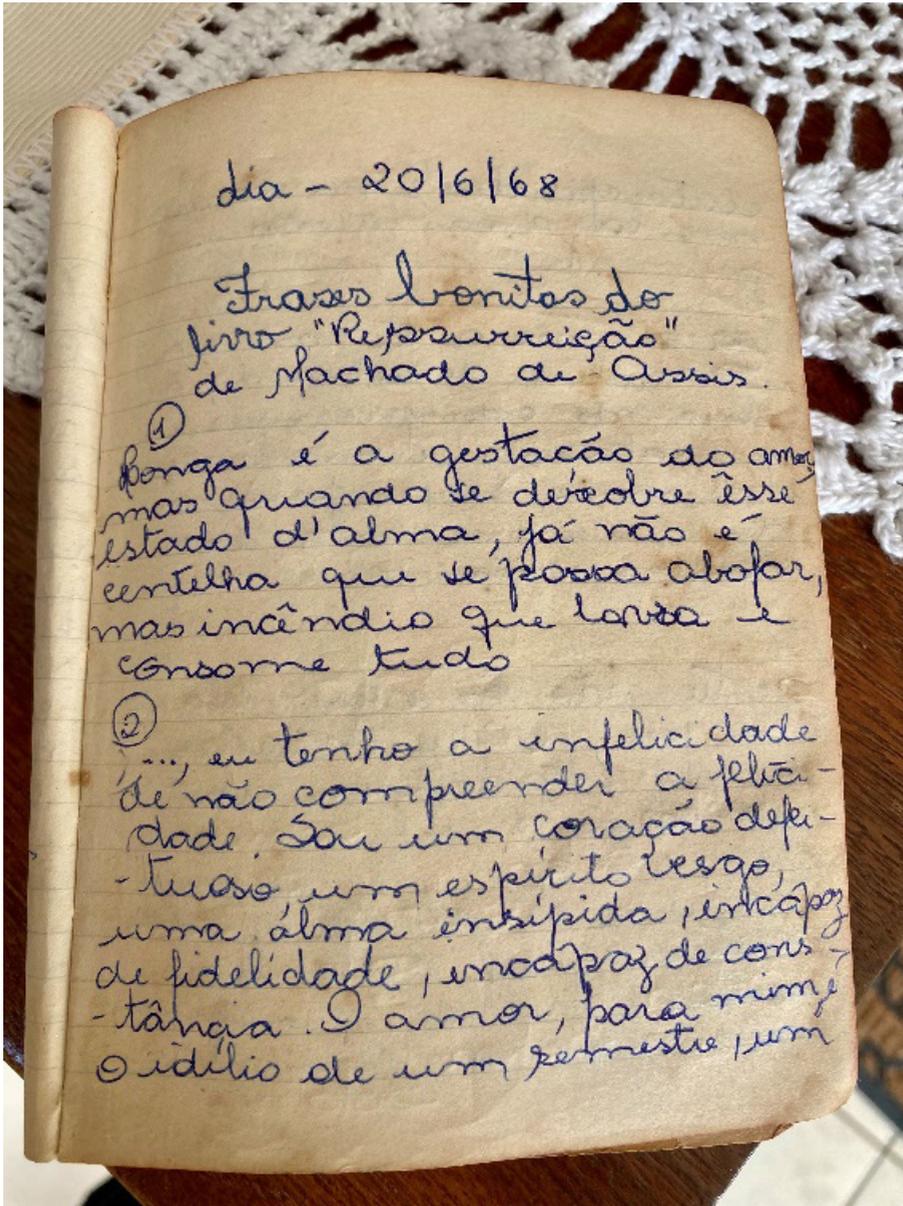


Fonte: Arquivo pessoal da autora

Estes materiais se constituem, no tempo presente, como uma memória material das coisas lidas. São pequenos documentos de cunho autobiográfico que funcionam como depositários de um passado formativo comum a uma geração de jovens leitoras/professoras além de anunciarem formas de relação com a leitura. Neste plano funcionam, também, como um exercício de experiência estética pois são, sobretudo, uma forma de se veicular emoções. Estudos realizados por Foucault (2000) identificam estes objetos de escrita pessoal como «hypomnematas», aqueles que continham «citações, fragmentos de obras, exemplos de cujo relato se tinha lido» e traziam em suas páginas «guias de conduta» (p.135). As frases copiadas oferecem um «apoio externo» (Ricoeur, 2007, p.131) à construção dessa memória das práticas de leituras juvenis. As cadernetas são portadores de rastros memoriais: sua produção habitou um tempo e um lugar na vida da autora e «os lugares habitados são, por excelência, memoráveis» (Idem, p. 59).

Figura 4: Cadernetas de Anotações de leitura -1968- (Conteúdo)





Fonte: Arquivo pessoal da Autora

As cadernetas de anotações mostram leituras de autores nacionais que podem ser chamados de «clássicos» da literatura. A cópia de «frases bonitas» escolhidas por MR privilegia trechos dos livros que falam de histórias romanescas, pontuadas por ingênuas aventuras e que parecem ter sido escolhidas não apenas como um saber

para ser registrado mas para ser seguido como índice de orientação ao pensamento. A partir desses registros pode-se tentar compreender um capital de vivências da autora no quadro de uma memória pessoal que pode contribuir para a presença de um território de subjetividades femininas. Subjetividades que vão sendo construídas e contadas nos dias simples, mas que articuladas com outros documentos como os planejamentos de ensino das aulas de Português para o Curso Normal podem, por contiguidade, construir uma narrativa do que foi lido. Os registros de excertos literários das leituras feitas de dois livros clássicos da literatura nacional (Machado de Assis e Érico Veríssimo) transcritos por MR são representativos porque fornecem indícios das práticas de leitura da autora possivelmente trazendo as marcas do que era prescrito na formação escolar em curso.

As cadernetas de anotações de leituras de MR abrangem os anos de 1967 a 1969 e nelas se pode encontrar fragmentos de autores como Pearl Buck, A. J. Cronin, Carlos Heitor Cony, Hermann Hesse, Willy e Gabrielle-Sidonie Colette, Simone de Beauvoir, M. Dely (Coleção Biblioteca das Moças), Morris West, Érico Veríssimo, Guy de Maupassant, J.G. de Araújo Jorge, José Mauro de Vasconcellos, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Michel Quoist, João Mohana e Emir Calluf, estes três últimos autores católicos (padres) são bastante recorrentes nas anotações tanto nos diários como nas cadernetas.

Michel Quoist, francês, religioso católico, autor de dois livros de formação, intitulados, respectivamente, «O Diário de Ana Maria» para moças e «O Diário de Danny» para rapazes. O livro «O Diário de Ana Maria» foi traduzido ao Brasil pela Editora Agir, em 1963 e muito lido no Brasil, MR registrar a leitura em outubro de 1967. Sua escrita ressalta a vida diária da protagonista com a utilização de um imaginário repleto de metáforas de amor e família estritamente regulamentadas por uma ética sacrificial e harmoniosa. Os conflitos geracionais, neste livro, estão subsumidos pois o fim último é salvar as almas pela cristianização da mulher e da família bem como contribuir para formar camadas leigas da sociedade para o apostolado católico. As duas obras de Michel Quoist aparecem registradas no diário pessoal da jovem MR. e merecem registro circunstanciado nas cadernetas de anotação notadamente a nas páginas que presenciam questões envolvendo o autocontrole nas situações cotidianas e amorosas como forma de bem viver.

João Miguel Mohana foi médico e padre brasileiro e escreveu várias obras tanto de cunho médico (A vida sexual de solteiros e casados) como romances de formação. MR registra leitura desse autor em maio de 1968, da obra intitulada «O outro caminho», classificada como romance. As frases copiadas evidenciavam que moral religiosa habitava o horizonte daquelas existências e o processo de cópia permite inferir que a elas era dado destaque como formas de prescrição à vida.

Copiar é praticar, com particular intensidade e atenção, a arte da leitura e, nesse sentido, a seleção e a cópia de frases de livros lidos fornece seguros indícios como fonte para trabalhos na área da leitura e da história da educação feminina, escolarizada ou não. Saber copiar era objeto de uma pedagogia específica para a futura professora primária e tal exercício era incentivado como forma de adquirir uma bela letra.

Tanto os autores listados como os títulos das obras lidas permitem inferir que a leitura de romances foi bastante frequente e possivelmente incentivada pela escola

e que é bem possível que tenham contribuído para uma educação dos sentimentos e da sensibilidade romântica das futuras professoras. A prática de leitura era feita, na maioria das vezes, em pequenos intervalos de tempo, o que pode ser visualizado no quadro a seguir:

Quadro 1 - Autores e obras registradas nas Cadernetas de Anotações de Leitura. MR 1967-1969

Data da Leitura	Autor	Título da Obra
20/07/1967 a 31/07/1967	Corin Tellado	Livros de Bolso
01/09/1967 04/10/1967 09/04/1969	M.Delly (Biblioteca das Moças) Elinor Glyn (Biblioteca das Moças)	Escrava ou Rainha? Meu vestido cor do céu Diário de uma Aristocrata
08/10/1967	Florence Montgomery	O incompreendido
20/10/1967	Júlio Diniz	As pupilas do Senhor Reitor
24/11/1967 30/11/1967	Michel Quoist	Diário de Ana Maria Diário de Dany

10/12/1967	João Mohana	O outro caminho
23/12/1967	Willy e Gabrielli Sidonie - Collette	Collette em Paris
04/05/1968 03/06/1969	Archibald Joseph Cronin	Almas em Conflito Encontro de Amor
08/05/1968 24/06/1969	Pe.Emir Callug	Ès jovem apenas uma vez na vida Enamorados
12/05/1968 20/06/1968 26/06/1968 04/06/1969	Machado de Assis	Iaiá Garcia Ressurreição Dom Casmurro Memórias Póstumas de Brás Cubas
09/06/1968 24/02/1969	Érico Veríssimo	Caminhos Cruzados Olhai os lírios do campo
12/08/1968	J, G. de Araújo Jorge	Um besouro contra a vidraça
02/09/1968	Simone de Beauvoir	Memórias de uma moça bem comportada

10/10/1968	Bernardo Guimarães	A escrava Isaura
26/11/1968	Morris West	As Sandálias do Pescador
21/12/1968 27/12/1968 08/01/1969	José de Alencar	Senhora O tronco de Ipê Til
10/02/1969	Guy de Maupassant	Uma vida
29/04/1969 30/10/1969 17/11/1969	José Mauro de Vasconcelos	Meu pé de laranja-lima O Doidão Confissões de Frei Abóbora
06/09/1969	Antoine Saint-Exupéry	Terra dos homens
13/09/1969	José Américo de Almeida	A bagageira
19/09/1969	José Lins do Rego	Menino de Engenho

11/11/1969	Herman Hesse	Sidarta
21/11/1969	Pearl Buck	Vozes na casa

Fonte: Cadernetas de Anotações de MR/1967-69 - Elaboração da autora

As evidências permitem considerar que estes livros lidos são de vinte e três (23) autores funcionavam como depositários do passado formativo comum de uma geração de jovens leitoras/professoras e anunciavam uma relação com a leitura livre e até aquela autorizada pela escola, como os autores considerados clássicos da literatura nacional, como José de Alencar, Machado de Assis, José Lins do Rego. Algumas delas, como visto, eram novelas curtas em formato denominado de livros de bolso e outros de fundo religioso. O fato de estarem registradas e terem excertos copiados por MR podem ser relacionados à presença e à escolarização de práticas de cunho religioso católico no calendário da escola pública brasileira do período e sinalizam para aspectos relativos à formação de um determinado repertório cultural na formação daquelas professoras primárias. Entretanto, convém ressaltar que as leituras e os posteriores registros literários feitos MR indicam uma leitora incomum seja pela diversidade temática, seja pela constância temporal. É perceptível uma certa voracidade em ler. As anotações revelam uma leitura íntima, política, religiosa, romântica, enfim, relacional.

4. Considerações Finais

Diários femininos e cadernetas de anotações de leituras pessoais são ego-documentos *-mil nada* - que funcionam como vetores e suportes para a construção de memórias e trazem um outro olhar para estas fontes de pesquisa. Tais fontes abrem possibilidades para o exercício intelectual da reflexão, do questionamento e da dúvida, considerando que «o conhecimento histórico é sempre maior do que aquilo que se encontra nas fontes» (Koselleck, 2006.p.186). Este mesmo autor também alerta que as fontes «têm poder de veto (...) impedem de cometer erros, mas não nos revelam, per si, o que devemos dizer» (p.188). Daí advém o esforço de valorizar e problematizar estes documentos pessoais que tem permitido reverter o quadro de escassez documental com a qual os historiadores da educação, não raro, se deparam ao pesquisar sobre a escola, sobre a leitura na escola, por exemplo. Segundo Nóvoa (2003) estes documentos, muitos deles vinculados a uma abordagem integrante da cultura material escolar, são fundamentais, pois «permitem

conhecer aspectos da formação do conhecimento escolar, o cotidiano, a vida e a experiência de estudantes e professores, suas práticas e suas mudanças» (p. 66)

Experiências privadas vividas durante o período escolar, entre os anos de 1967 a 1969 por uma jovem são enfatizadas nestes materiais e destacam a conexões da autora com o mundo público e, ao mesmo tempo, permitem captar ecos da história coletiva a partir da memória individual. As anotações de MR em seus diários e em suas cadernetas de anotações de leitura narram outras formas de compreender como as pessoas comuns vivenciam acontecimentos marcantes, como sujeitos singulares registravam um entendimento do tempo histórico a partir de suas vivências na escola, na família e, no caso em tela, sobre as leituras feitas por obrigação e até por escolhas próprias. São memórias que foram ressignificadas, na chave proposta por Paul Ricoeur (2007) para quem «os testemunhos de passados constituem a estrutura fundamental de transição entre a memória e a história» (p. 41).

Os Diários e as cadernetas de anotações de leitura de MR são *lócus* de subjetivação do feminino e estes processos de construção de si, de pertencimento ao gênero feminino são históricos, plurais e polifônicos. Colocar-se em textos, contar sobre sua vida, comentar sobre suas leituras significou explorar as mais diversas facetas e experiências que a condição de mulher lhe dava. Estes documentos são, no tempo presente, fornecedores de modelos geracionais que, entre permanências e rupturas atestam padrões políticos, sociais e culturais da época.

MR escreveu, anotou, comentou, fez confidências e teceu cotidianamente uma rede de relações e escolhas, afirmando seus afetos e suas sensibilidades no contraditório jogo de forças que a vida social lhe impunha. Dessa forma marcou sua passagem pela vida no tempo histórico e explicitou, também, uma configuração de si mesma. Documentos dessa espécie apontam para outras estratégias de visibilidade de uma época e permitem observar que enquanto os arquivos públicos muitas vezes se calam sobre a posse desses materiais, os documentos privados, preservados em arquivos pessoais e/ou disponibilizados pela via digital, podem fornecer informações e indícios sobre formas de ver o mundo através de fatos comuns da experiência humana, hábitos, costumes. Pode-se conjecturar, por exemplo, que o magistério foi sendo concebido como profissão feminina não somente por causa de certa preponderância feminina em seu exercício mas também pelos valores e significados /comportamentos sociais que a ele acabavam sendo associados, como por exemplo, a atribuição quase exclusiva, às mulheres, ao longo de um grande período, de maiores responsabilidades afetivas que deveriam reverberar nas práticas docentes

Contêm, sim, coisas menores e escritas mais livres (gírias e expressões pouco convencionais) produzidas fora dos controles institucionais mas seu poder de fonte continua mostrando uma grandeza das pequenas coisas. As frases escolhidas podem ser interpretadas como indícios de uma escolarização que privilegiava a memorização, pelo exercício das cópias manuscritas que se constituíam em importante instrumento para o conhecimento do capital de vivências de uma época onde é possível encontrar fragmentos de um tempo que foi perenizado pela escrita. De forma inacabada este trabalho traz um desejo muito humano de compreender *estes outros* no tempo, ultrapassando as barreiras da distância temporal e cultural,

pois que o «historiador é um construtor do passado nas andanças do presente». (Albuquerque Júnior, 2007, p. 249).

São documentos que carregam traços memorialistas consagrando-se tanto como artefatos culturais quanto como aqueles que têm, para o historiador, outros estatutos: abrir espaço a partir do qual a memória pode ser problematizada e a história investigada, isto é, buscada em vestígios a partir de diferentes registros escritos. São objetos de memórias e ela é, enfim, sempre lacunar e seletiva construída em processos dinâmicos em que imaginação e esquecimento sempre intervêm e, nesse sentido, é fundamental estar consciente de seu caráter fugidio e maleável. A escrita desse tempo, com este material de cunho íntimo, engloba traços de outrora que por meio da salvaguarda em arquivos pessoais se fazem presentes mas devem ser relativizados pois envolvem tanto «o campo do imaginário (...) mas também do afastamento e do esquecimento que espreguem toda experiência humana». (Rouso, 2016, p.16-17).

São inegáveis as contribuições desses materiais, reconhecidos como ego-documentos, para uma História das Mulheres e do Gênero. Estas análises ainda precisam ser mais reforçadas tanto pelo desafio de questionar as estruturas vigentes que pouco consideram estes materiais como para propiciar visibilidade a outros protagonismos de gênero; trabalhos possíveis com o fortalecimento de pesquisas que fujam de abordagens hegemônicas e tragam ao palco outras possibilidades ao tema.

5. Referências

- Albuquerque Júnior, D.M. (2007). *História. A arte de inventar o passado*. Bauru: São Paulo. EDUSC.
- Amelang, J. (2005). Apresentação do dossiê «De la autobiografía a los ego-documentos: un fórum abierto». *Revista Cultura Escrita & Sociedad*, (1), p. 4.
- Bellotto, H. L. (2006). *Arquivos Permanentes. Tratamento documental*. 4ªed. Rio de Janeiro: FGV.
- Brito, A. C. L. e Corradl, A. (2018). Egodocumentos: os documentos que expressam a personalidade, intimidade e motivações dos titulares de arquivos pessoais. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, (32), pp.98-129 doi: <https://doi.org/10.14295/biblos.v32i2.7968>
- Butler, J. (2018). Fundações contingentes: feminismo e a questão do «pósmodernismo» En: Benhabib, Seyla [et al.]. *Debates Feministas: um intercâmbio filosófico*. São Paulo: Editora Unesp.
- Butler, J. (2017). *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Camargo A. e Goulart, S. (2007). *Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais*. São Paulo: Instituto Fernando Henrique.

- Castillo Gómez,A.(2013). Escribir y archivar los egodocumentos. *Colóquio Internacional*. Madrid: Universidad de Alcalá de Henares.
- Cox, R. J. (2017). *Arquivos Pessoais: Um novo campo profissional. Leituras, reflexões e reconsiderações*. Belo Horizonte: Editora UFMG,
- Cunha, M. T. S. (2019). *(DES)ARQUIVAR. Arquivos Pessoais e Ego-documentos no tempo presente*. São Paulo: Florianópolis: Rafael Copetti Editor.
- Cunha, M. T. S, e Almeida, D. B, (2021) Arquivos pessoais no radar do Tempo Presente. Dimensões e possibilidades nos estudos acadêmicos. In: *Cadernos de História da Educação*, (2), pp.1-20. doi: 10.14393/che-v20-2021-49
- Darnton, R (1987). *Boêmia Literária e revolução. O submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Dosse, F. (2003). *A História*. Bauru, São Paulo: EDUSC.
- Ertzogue, M. H. e Parente, T. Gomes (2006). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15.
- Foucault, M. (2000, 4ª ed.) *O que é um autor*. Lisboa: Passagens.
- Gomes, A. de C. (1998). Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos Arquivos Privado. *Estudos Históricos*, (22) pp. 121-127.
- Grobe, S. (2015). Cartas e correspondência ordinária como ego-documentos na análise linguística. *Revista Linguística*, (11), pp. 22-41.
- Hartog, F. (2013). *Regimes de Historicidade. Presentismo e Experiências do Tempo*. Belo Horizonte. Editora Autêntica.
- Hartog, F, (2017). *Crer em História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Hébrard, J. (2000). Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. En: *Refúgios do Eu. Educação, história, escrita autobiográfica*. Mignot, A.C.V; Bastos, M.H.C. e Cunha, M.T.S (organizadoras). Florianópolis: Editora Mulheres, pp. 29-61.
- Koselleck, R. (2006). *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*.Rio de Janeiro: Contraponto: EdPUC-Rio.
- Lejeune,P. (1993). *Le moi de demoiselles. Enquête sur le journal de jeune fille*. Paris: Seuil,
- Nóvoa, A. (2003). Textos, imágenes y recuerdos. Escrituras de «nuevas» histórias de la educación. In: Th. Popkewitz, F. Barry e M. Pereyra. (organizadores). *História Cultural y Educación*. Barcelona: Pomares, pp.61-84
- Perrot, M. (1989). Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, 9 (18), pp.9-18

- Pesavento, S. J. (2008) *Os Sete Pecados da Capital*. São Paulo: Hucitec.
- Prochasson, C.(1998). «Atenção: Verdade!». Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *Estudos Históricos*, (22), pp.105-119.
- Quoist, M. (1966). *O diário de Ana Maria*. 4ª ed. Rio de Janeiro. Livraria Agir Editora.
- Ribeiro, R.J. (1992) Cinderela sem Complexos. *Revista USP.*, (16), pp.116- 131
- Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Rouso, H.(2016). *A última catástrofe, A história, o presente, o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Vincent-Buffault, A.(1996). *Da amizade. Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

6. Documentos Manuscritos

- Diários de MR* (Cadernos de 1967, e de 1968-1969). Arquivo Pessoal da Autora.
- Cadernetas de Anotações de Leituras* (1967 a 1969). Arquivo pessoal da Autora.

